

O corpo como escrita da memória: o testemunho no documentário “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca”, de Katrin Seybold

Yasmin Cobaiachi Utida¹

RESUMO

A partir da análise do testemunho, gênero marcado pela narração da experiência traumática (ASSMANN, 2011; SELIGMANN-SILVA, 2003), o presente trabalho objetiva descrever como o trauma permeia a linguagem das testemunhas e a estética do documentário “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” (Alemanha, 2008), de Katrin Seybold. No filme, quatorze idosos rememoram sua relação com o grupo de resistência estudantil e pacífica contra o nacional-socialismo alemão, A Rosa Branca, que atuou entre 1942-1943. Por meio de uma abordagem interdisciplinar de base histórica, literária e psicanalítica, aplicou-se à análise do corpus o conceito de memória corporificada (Assmann, 2011), ou seja, a experiência que – para além da narração – se aloja no corpo da testemunha e se expressa por recursos não verbais (pausas, hesitações, expressão facial, timbre da voz etc.), quando as palavras faltam ou não dão conta de descrever um evento traumático.

Palavras-chave: Testemunho. Documentário. Memória corporificada. Linguagem do trauma.

Introdução

As marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é a memória.
(ASSMANN, 2011, p. 264)

A experiência, sobretudo a extrema e traumática, imprime-se no corpo de maneira mais intensa e perene que cicatrizes e constitui feridas permanentemente abertas. Cangini refere-se ao corpo como “único vínculo entre o presente e o instante congelado no passado” (2013, p. 159). Tal vínculo é mantido graças a três reguladores de memória, conforme destaca Assmann: afeto, símbolo e trauma (2011, p. 277). Assim, as marcas da memória no corpo e seus processos reguladores permitem-nos observar tanto a realização da narração de uma experiência terrível como também quando as palavras se mostram insuficientes para dar conta da representação do contato com o sofrimento – o traumático (GINZBURG, 2008, p. 65).

A narração do trauma constitui característica intrínseca do testemunho e é uma das formas expressivas mais fortes do século XX, eternizado como a era dos genocídios (SELIGMANN-SILVA, 2003). Nesse contexto, longe de ser um tema superado, a Shoah ainda prevalece como catástrofe maior desse período. Tamanha manifestação do terror marcou de modo definitivo não só

¹ Mestranda na Área de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES-DS.

os sobreviventes, mas também seus descendentes, de modo que os ecos de Auschwitz ainda se fazem ouvir. No Brasil, essas vozes chegam-nos concentradas nas lembranças das vítimas e em particularidades sobre os perpetradores até por meio da cultura de massa de Hollywood e dos best-sellers. Mesmo com presença maciça na mídia, alguns aspectos concernentes ao nacional-socialismo alemão permanecem quase que totalmente desconhecidos pelo grande público. Um exemplo relevante a ser mencionado é a resistência a Hitler organizada por universitários alemães, que não eram alvo direto das atrocidades cometidas pela ditadura nazista. Dentre esses focos de resistência, A Rosa Branca será o grupo enfatizado no presente trabalho.

Surgido em Munique entre 1942 e 1943, o grupo intitulado Rosa Branca destacou-se por seu caráter pacífico e estudantil ao se opor ao nacional-socialismo. Seu núcleo era constituído por um professor universitário, Prof. Dr. Kurt Huber, e cinco estudantes: Hans e Sophie Scholl, Alexander Schmorell, Christoph Probst e Willi Graf. O grupo agia por meio da redação de panfletos que convocavam os alemães à resistência passiva. Em fevereiro de 1943, os irmãos Scholl foram detidos ao espalharem panfletos na universidade e condenados à morte, sentença que foi aplicada a todo o núcleo do grupo. Se hoje a Rosa Branca é símbolo de consciência política e da resistência alemã, muito se deve à primeira iniciativa de preservar a memória de suas ações e de seus integrantes, o livro **Die Weiße Rose** (a Rosa Branca), de Inge Scholl (irmã de Hans e Sophie Scholl), lançado em 1952 e traduzido para o português em 2013. Após a distância temporal que possibilitou uma recepção do tema menos concentrada na imagem heroica e mais ancorada na pesquisa histórica e bibliográfica multidisciplinar, surgiram materiais variados sobre o grupo de resistência: protocolos de interrogatórios, panfletos, cartas, diários etc. (BREYVOGEL, 1991, p. 162-163). Dentre eles, destaca-se o documentário “Die Widerständigen: Zeugen der Weißen Rose” (“Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca”, tradução nossa), produzido por Katrin Seybold entre 2000 e 2008 pela Basis-Film Verleih GmbH.

O caráter inédito do filme reside no fato de ser o único centrado no testemunho oral dos membros sobreviventes, dos familiares e de amigos do círculo da Rosa Branca – todos unidos pela perda de entes queridos e pelo terror das arbitrariedades da ditadura nazista. Para muitas das 14 testemunhas, essa foi a primeira vez em que houve a oportunidade de narrar e de obter escuta, decorridos quase 70 anos após as ações de resistência. Nota-se que Katrin Seybold coleta as vozes fragmentadas das testemunhas de idade avançada num mosaico composto ainda pela imagem de seus rostos marcados pela dor e pelo contraste com fotos da juventude e de documentos produzidos pelos perpetradores – escassos e ocultados por muito tempo na ex-Alemanha Oriental e,

posteriormente, na Rússia. Os protocolos dos interrogatórios de Hans e Sophie Scholl, por exemplo, só puderam ser consultados a partir de 1990 (SEYBOLD, 2008, p. 22).

A presença da face permite a observação do conceito de memória habitada de Assmann (2011), ou seja, a memória corporificada. Quando o trauma faz calar ou hesitar a linguagem verbal, a imagem, a voz, repetições e as emoções expressas por gestos ou – até mesmo – pausas e silêncios emergem como caracteres da escrita da memória no corpo em “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” (KRESS & van LEEUWEN, 2006). Sobre tal aspecto do corpus edifica-se a questão central deste trabalho que será organizado em três partes: **1. As testemunhas da Rosa Branca: história e memória**, **2. Documentário e catástrofe** e **3. Corpo, linguagem e trauma**. A primeira relacionará o conceito de testemunho originado dos estudos literários e as discussões sobre história e memória em relação ao filme. A segunda analisará a estratégia adotada por Katrin Seybold para a representação da experiência do trauma no filme. Por fim, as relações entre memória traumática e linguagem verbal e não verbal serão discutidas com base em exemplos de “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” e de conceitos da psicanálise e dos estudos da memória.

1. As testemunhas da Rosa Branca: história e memória

No ensaio em que descreve as fases de seu trabalho, Katrin Seybold enfatiza que poucos vestígios da Rosa Branca restaram além dos panfletos que foram redigidos e da imagem heroica conferida a seus membros, anos após a queda do nazismo (2008, p.7). Praticamente tudo o que se sabe sobre a Rosa Branca é fruto do testemunho dos amigos e parentes dos jovens e do trabalho de memória realizado, sobretudo, pela Fundação Rosa Branca (Munique, Alemanha) – iniciativa dos próprios sobreviventes, fundada em 1987.

Seybold justifica a iniciativa de produzir o documentário pela idade avançada das testemunhas, pela necessidade de representar o impacto da ditadura nazista em suas vidas pós-1943 e pela ausência de punição para os perpetradores. De fato, ao final dos dez anos de filmagem e pesquisa, três das testemunhas já haviam falecido, e essas fontes estariam perdidas já que – com exceção do julgamento e da execução rápida e “exemplar” por decapitação – registros sobre a Rosa Branca foram evitados pelos nacional-socialistas.

O testemunho consolidou-se enquanto gênero justamente como estratégia de combate ao apagamento de vestígios das arbitrariedades praticadas durante o nacional-socialismo alemão (SARLO, 2007, p. 37). A Shoah, sua manifestação máxima de terror, produziu nas vítimas o

imperativo de narrar a experiência insólita de violência sofrida e a experiência extrema da morte em nome dos que não sobreviveram (SARLO, 2007; NETROVSKI & SELIGMANN-SILVA, 2000). Essa mesma tradição de testemunho iniciada a partir dos textos de Elie Wiesel pode ser observada em “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca”. A narração das experiências traumáticas – que constitui o cerne do testemunho enquanto gênero – desponta como uma necessidade e uma responsabilidade do sobrevivente, conforme relata Primo Levi:

“A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares” (LEVI, 1988, p.8).

A narração da memória no filme de Katrin Seybold inicia-se a partir do relato das testemunhas a respeito de seu último encontro com os membros da Rosa Branca que foram condenados à morte. É fundamental observar que cada testemunho, impregnado de subjetividade, dá voz a um universo particular e fragmentário, sem compromisso com a “tradução integral do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 64). Um exemplo disso é o confronto das informações contidas no testemunho de Franz J. Müller, amigo do núcleo da Rosa Branca, sobre suas contribuições para o grupo. Embora documentos da Gestapo, outras testemunhas e o documentário afirmem que ele tenha auxiliado o grupo a divulgar o quinto panfleto em Ulm e a reunir dinheiro para a compra de envelopes e selos, num encontro realizado na Fundação Rosa Branca em 2011 – quando a testemunha já sofria com sintomas de demência – mencionou ter participado ativamente da redação do conteúdo do texto que divulgou. Contradições semelhantes a essa evidenciam como a linguagem marca o deslocamento do tempo e do funcionamento da memória. Também enfatizam como o passado é reelaborado à luz do presente a cada vez que a narração da testemunha se realiza e de acordo com os detalhes do evento que a marcaram. Svevo afirma que “o passado é sempre novo” (apud ASSMANN, 2011, p. 21) e Deleuze, que “a recordação se apropria do presente” (apud SARLO, 2007, p. 10).

Nesse ponto, poder-se-ia questionar a autenticidade do testemunho frente às evidências documentais. Graças a essa propriedade de se renovar e de se moldar a partir das experiências e reelaborações de um indivíduo, a memória foi tradicionalmente questionada pelo método historiográfico. Koselleck evidencia a oposição entre memória e história: “A partir de um passado que é presente e impregnado de experiências de sobreviventes, constrói-se um passado puro, depurado das experiências” (apud ASSMANN, 2011, p.18). No entanto, história e literatura e

memória têm muitos pontos em comum, já que se nutrem e se constituem de textos e de relatos de experiências humanas.

Sendo assim, o que diferenciaria a produção artística e literária da história seria a metodologia e os critérios de avaliação crítica das fontes empregadas. Por meio do exemplo do relato de Franz J. Müller, constata-se que a significação do testemunho se dá na relação com o contexto. Assim, a história – tal qual uma moldura consistente – tem como desafio agir como instância crítica do testemunho, já que se vale do juízo lógico (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 138).

A partir dessas reflexões, não se pode desconsiderar o testemunho produzido por Franz J. Müller em função do equívoco quanto às datas. Para o testemunho, vale a relação intrínseca entre o juízo ético e estético (SELIGMANN-SILVA, 2003). Seu valor estético encontra-se na reelaboração da memória e nos recursos utilizados para sua expressão pela linguagem – tema que será o núcleo das reflexões do próximo tópico. Já seu valor ético está cunhado na subjetividade que emerge da narrativa. O autêntico no testemunho é compreendido no sentido freudiano de luto e trauma (MEGILL, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 373) e está intimamente relacionado ao conceito de aura de Walter Benjamin – daquilo que é autêntico graças à sua essência subjetiva e por estar inscrito no “aqui e agora” (SARLO, 2007, p. 58). Assim, as possíveis (e prováveis) lacunas e ambiguidades da narrativa testemunhal são características do gênero e revelam a relação de Franz J. Müller com seu passado em cada nova narração. Descartar o testemunho e a importância da face do sobrevivente é uma estratégia de esquecimento que pode favorecer a *Deckerinnerung* (recordação encobridora) (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.10) – termo da psicanálise cunhado nos estudos da memória por Shoshana Felman e Cathy Caruth, mas que, neste contexto, refere-se ao encobrimento de injustiças pela chamada história negacionista que abafa as discussões sobre os direitos civis feridos. A partir de um detalhe contestado, poder-se-ia questionar todo o conteúdo do testemunho de Franz J. Müller e, até mesmo, a existência das ações de resistência. Assim, a condição *sine qua non* do testemunho é a escuta, já que o sobrevivente “busca reatar laços com uma comunidade afetiva” e recuperar sua identidade subtraída pelo terror (HARTMAN, 2000, p. 211). Ser interlocutor da testemunha significa saber, pela experiência do outro, o que delineia a memória coletiva (ASSMANN, 2011). Ao historiador, conforme destaca Seligmann-Silva, cabe o desafio de “articular (...) memória individual, memória coletiva e historiografia” em sua coexistência indissociável (2003, p.18) e tornar compreensíveis os fragmentos individuais da experiência (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 134).

2. Documentário e catástrofe

História e memória se mostram como instâncias indissociáveis para a investigação do passado. No caso da experiência de violência extrema da ditadura nazista, na qual a punição desproporcional às ações de resistência da Rosa Branca está inserida, o testemunho e a face do sobrevivente conferem a aura necessária para a narração e a autorizam. Afinal, segundo Gauthier (2011), ninguém tem o direito de penetrar no lugar do horror absoluto sem testemunhas. O testemunho, graças à sua função ética de conceder voz a minorias que sofreram violência, é perpassado também pela questão da ética de representação da catástrofe (GINZBURG, 2008, p.64).

À catástrofe sempre é associada a ideia do indizível como reflexo do traumático. A máxima de Adorno sobre a impossibilidade da poesia após Auschwitz é uma das reflexões mais emblemáticas sobre os limites da linguagem no campo da violência. No entanto, Paul Celan e sua lírica sobre os “túmulos nas nuvens” das verdadeiras vítimas da Shoah indicam a estetização da violência e da linguagem insubordinada para representar o terrível. Por meio desse procedimento estético transgressor, alcança-se o compromisso ético do testemunho de saldar uma dívida com os mortos pela crença “no dever, na culpa ou na potencialidade do porvir da linguagem” (ENDO, 2012, p. 99). Assim, a violência que, segundo a perspectiva de Schelling de arte como função civilizatória, era um contraponto para afirmar valores positivos, dá lugar à violência enquanto tema central e procedimento artístico na contemporaneidade (apud GINZBURG, 2013, p. 28).

No cinema, assim como na literatura, existe a problemática da representação da catástrofe e da relação entre ficção e realidade. Nesse sentido, a opção estética da produtora de “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” dialoga com Alain Resnais e Claude Lanzmann ao optar pela economia de representação da *Bildverbot* (proibição de imagem) (CANGI, 2013, p. 165). Em vez de tentar reproduzir o irreproduzível da violência nazista, Seybold se concentra na imagem e na voz das testemunhas e no contraste com fotografias antigas e documentos relacionados ao grupo de resistência. Por meio de tal procedimento, evita-se o distanciamento impessoal, o obscuro, a conversão do terror em espetáculo e a banalização (HARTMAN, 2000, p. 209).

Em muitos pontos, “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” apresenta semelhanças com “Shoah”, o documentário que fundou a estética do testemunho no cinema, de Claude Lanzmann. Assim como em “Shoah”, Seybold interroga “rostos, espaços e corpos” (CANGI, 2013, p. 142) e trabalha organizando os fragmentos como se fossem “peças de um mosaico” (SEYBOLD, 2008, p. 15).

No entanto, um procedimento de montagem de “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca” se destaca por permitir que o relato de uma testemunha acabe por autenticar o que a anterior afirmara. Essa estratégia de organização interna revela a voz oculta da diretora que reorganiza e une os relatos. Esse processo de apresentação do passado como construção no presente por meio da retextualização já foi destacado por Benjamin como “reordenação salvadora” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 277) e pode ser observado no seguinte fragmento do documentário em que Herta Siebler-Probst fala sobre como recebeu a notícia da morte do marido, Christoph Probst, e Traute Lafrenz-Page – na cena seguinte – relata como foi doloroso comunicar isso à amiga:

HERTA SIEBLER-PROBST

ESPOSA DE CHRISTOPH PROBST

E, de repente, voltaram (Traute Lafrenz e Werner Scholl), os dois com rostos pálidos, totalmente estupefatos. Enfim, muito... totalmente transformados. Falar, não falaram nada, disseram então: Ah, sim, o pai, eles não conseguiram encontrar. Ele estaria em Munique para tentar um pedido de indulto.

TRAUTE LAFRENZ-PAGE

EX-NAMORADA DE HANS SCHOLL

E nós precisávamos dizer, contar isso a ela. Foi terrível. Isso foi terrível.

(Tradução intermediária entre texto de partida e legenda, *Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca*. Direção: Katrin Seybold, 2008, 03:23, 58 min. até 03:54, 92 min, tradução nossa)

Diferentemente de Lanzmann, Seybold não aparece no vídeo, e os testemunhos são exibidos sem apresentar a face e as perguntas da entrevistadora. A diretora do documentário afirma também que optou por filmar as entrevistas na Universidade de Munique somente, onde o grupo de resistência passou mais tempo junto, onde Hans e Sophie Scholl foram presos e onde hoje localiza-se o memorial à Rosa Branca. Para as questões, não foi preparado um roteiro prévio, e durante seu trabalho, Katrin Seybold notou que os testemunhos não traziam alívio aos sobreviventes, mas se configuravam como experiências de reencontro com a dor da perda, perceptível em seus rostos.

Os recursos sóbrios de representação destacam o corpo e a testemunha no presente em oposição à narrativa de antanho, o que torna a imagem mais eloquente do que o possível simulacro por atores das ações narradas. A imagem, conforme afirma Lutz Niethammer, forma o “núcleo duro da memória” (apud ASSMANN, 2011, p.237), e o vazio cumpre a função de identificar o traumático irrepresentável. No documentário, assim como na tradição da estética de representação fílmica da Shoah, predomina o procedimento de eclipse (GINZBURG, 2013, p. 30) para dar conta do que vai além do verbal por meio do efeito de suspensão e da imaginação (CYTRYNOWICZ, 2003; SELIGMANN-SILVA, 2003).

3. Corpo, linguagem e trauma

Seybold compreende testemunho como narrativa do trauma, tanto que adota o seguinte título para seu ensaio a respeito de “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca”: “Wenn einer spricht, wird es hell” (“Quando uma pessoa narra, faz-se a luz”, tradução nossa). O conceito de investigação com base na narrativa está alinhado aos conceitos da psicanálise: “O testemunho é a apresentação de um desaparecimento, e a sua leitura, a busca de traços que indiquem tal ‘falta originária’” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 21). O tema comum a todas as testemunhas do documentário de Katrin Seybold é a perda de seus entes queridos por terem integrado a Rosa Branca. Mesmo após quase 70 anos, “esse algo que se foi é (...) o traço mais vivo da memória e sua parte mais íntegra” (ENDO, 2013, p. 46). Tanto que as testemunhas narram com detalhes cenas relacionadas aos últimos encontros e à condenação à morte dos jovens do grupo de resistência. Um exemplo disso é o relato de Traute Lafrenz-Page, ex-namorada de Hans Scholl, sobre como o nascer do sol estava avermelhado, às 7h do dia em que precisou comunicar a Herta Siebler-Probst que seu marido fora julgado e executado no mesmo dia. A passagem destacada no testemunho comprova a ideia nietzschiana de que “só o que dói fica na memória” (apud ASSMANN, 2011, p. 263). Além disso, para Blanchot, essa seleção de detalhes evidencia o quanto a memória é um processo centrado em uma “visão interior e seletiva” (apud CANGI, 2003, p. 141).

Essa vivência, que não passa e revela a escrita da memória no corpo, imprime-se na face da testemunha e exige um encontro ético com o sobrevivente, conforme destaca Lévinas (apud CANGI, 2003, p.162; SELIGMANN-SILVA, 2003, p.14). Observa-se que os sobreviventes das catástrofes não falam sobre si, mas agem como porta-vozes dos mortos e revelam “o testemunho da morte alheia no seio da própria mortificação” (ENDO, 2012, p. 71). Como afirma Seligmann-Silva, a experiência de morte se incorpora nos sobreviventes (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.159). Principalmente as mulheres que testemunham concentram a narrativa toda na história dos mortos e pouco falam sobre seu papel de protagonistas nas ações de resistência da Rosa Branca. Lilo Fürst-Ramdohr, por exemplo, possibilitou contatos importantes para a distribuição dos panfletos em outras cidades e cuidou da falsificação do passaporte de Alexander Schmorell para que ele lograsse fugir da Gestapo. Porém, em nenhum momento a narrativa gira em torno do “eu” – pelo contrário –, a própria figura é sempre diminuída em favor da valorização das virtudes dos que foram condenados à morte. Em relação a esse procedimento de evitar a narração sobre si, Hartman levanta a hipótese de que algumas testemunhas se esquivam de suas próprias lembranças dolorosas e se

concentram em aspectos exteriores por não conseguirem elaborar o evento traumático ou convertê-lo em linguagem (HARTMAN, 2000, p. 215). Assmann (2011) afirma ainda que o trauma é um dano no *self* do indivíduo – campo psíquico que reúne elementos formadores da personalidade de um indivíduo. A pesquisadora reforça ainda que subestimar o “eu” seria um procedimento comum para sobreviventes de catástrofes.

Outra característica dos testemunhos a ser destacada é o fato de as testemunhas não dirigirem o olhar à interlocutora ou à câmera. Principalmente os familiares e as ex-namoradas dos membros da Rosa Branca apresentam o semblante baixo; olhos que não buscam o outro, mas que se voltam para o próprio interior, para a lembrança dolorosa que permaneceu alojada em estado latente por tantos anos. Mais do que a imagem, o corpo é um suporte de memória que diz muito por si só no documentário de Katrin Seybold e pontua as palavras do testemunho com o tom da tristeza – emoção predominante no vídeo.

Não só a expressão corporal fala na linguagem traumática, como também as palavras não dão conta de representar o terrível que foi vivenciado, mas não assimilado. Em muitos momentos, é possível observar longas pausas nos testemunhos, como no exemplo a seguir:



(Sequência de fala de Jürgen Wittenstein. *Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca*. Direção de Katrin Seybold. Tempo: 02:24 min. até 02: 35 min. Tradução nossa)

A sequência legendada e aqui ilustrada segue-se depois de um período de fala contínua sobre como a testemunha avisou os pais de Hans e Sophie Scholl sobre a prisão e o julgamento dos jovens. Após narrar a situação excepcional para a qual todo o Tribunal do Povo se deslocou de avião de Berlim para Munique, Wittenstein faz um longo silêncio, aproximadamente nove segundos, e depois revela emocionado que ninguém poderia contar com a imediata execução dos réus. Para Le Bot (1984), “o silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge” (apud ORLANDI, 2007, p. 5). Assim, o silêncio expresso nas pausas junto à expressão dos sobreviventes indicaria o trauma sem incorrer ao dito. Orlandi (2007) afirma que o silêncio significa

em si e independe das palavras, constituindo um princípio de significação – o silêncio fundador – que pode ser mais eloquente que as palavras.

Outra característica da linguagem marcada pelo trauma é a repetição compulsiva de uma cena terrível. Em “Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca”, isso pode ser constatado no testemunho de Traute Lafrenz-Page, que afirma que ainda pode escutar as últimas palavras que Sophie lhe dirigiu: “Ei, escuta, as botas de esqui estão lá atrás no meu corredor. Se eu não estiver em casa hoje à tarde, pegue-as de volta. Nunca mais ouvi a voz de Sophie” (Sequência de fala de Traute Lafrenz-Page. *Os resistentes: testemunhas da Rosa Branca*. Direção de Katrin Seybold. Tempo: 00:57 min. até 01: 06 min. Tradução nossa). Em vez de esquecer a cena dolorosa associada à despedida, a testemunha a rememora exaustivamente, como relata. Ginzburg (2013) associa esses procedimentos de linguagem verbal e não verbal como características da linguagem lacunar do trauma e do testemunho. A violência fere o indivíduo para sempre, e tal ferida expõe-se na fala e no corpo do sobrevivente, alterando sua essência: “O sujeito é constituído não a partir de uma autossuficiência interna, mas, pelo contrário, de cruzamentos de múltiplas forças externas” (GINZBURG, 2013, p. 63).

Considerações finais

O testemunho como escrita da memória e do trauma pode ser identificado no corpo das testemunhas e “a melancolia e a cerimônia oblíqua de luto são a maneira de fazer falar os que não puderam fazê-lo” (CANGI, 2006, p. 168). Dessa forma, o relato testemunhal indica que a voz de cada indivíduo importa e, segundo Abraham (1995), essas narrativas surgidas após a Shoah fundaram a ética da não redutibilidade do outro – assumindo um importante papel não só estético, mas também ético (apud SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 14). O contato com a face das testemunhas sensibiliza e confere aura e autenticidade ao narrado, de maneira que a economia de representação serve ao ideal de respeito à vítima e de não banalização do testemunho. O advento do cinema permite a conservação da imagem, mas é o corpo que porta a experiência, o trauma, e articula a linguagem. Portanto, é o corpo quem porta a memória.

A perlaboração – “processo pelo qual o psicanalisando integra uma interpretação e supera as resistências que ela suscita; elaboração interpretativa” (CALDAS AULETE, 2014) – da interação entre memória e história faz com que ambos os campos constituam uma forma presente de resistência às ameaças aos direitos humanos. No caso da Rosa Branca, tal trabalho é realizado pela

Fundação Rosa Branca de Munique, que mantém não só um memorial e um acervo sobre o grupo de resistência, mas organiza formação específica para professores e atividades voltadas a crianças e adolescentes com o objetivo de promover a cultura de paz e a tolerância. Em tempos nos quais a xenofobia volta a rondar a Alemanha com as manifestações pró-Pegida (Europeus Patriotas contra a Islamização do Ocidente) e com a agressão a imigrantes e refugiados, o trabalho de memória que objetiva o utópico desejo de “nunca mais” se mostra especialmente relevante.

ABSTRACT

Starting from the analysis of the testimony, genre marked by the narrative of the traumatic experience (ASSMANN, 2011; SELIGMANN-SILVA, 2003), this paper aims to describe as trauma permeates the language of the witnesses and the esthetics of the production of the documentary “The resisters: witnesses of the White Rose” (Germany, 2008), by Katrin Seybold. The film documents the memories of fourteen elders who were involved with the student and pacific resistance group against the German National Socialism, the White Rose that acted between 1942-1943. According to an interdisciplinary approach based on History, Literature and Psychoanalysis the concept of corporeal memory (Assmann, 2011) was applied in the analysis of the corpus, i.e., the experience – that goes beyond the narrative – inscribes itself in the witness’s body and expresses itself through nonverbal communication resources (pauses, hesitations, facial expressions, tone of voice etc.) when a witness becomes speechless or when the words are not enough to describe a traumatic event.

Keywords: Testimony. Documentary. Corporeal memory. Language of trauma.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 456 p. Tradução de: Paulo Soethe (coord.).

BREYVOGEL, Wilfried. Die Gruppe „Weiße Rose“: Anmerkungen zur Rezeptionsgeschichte und kritischen Rekonstruktion. In: BREYVOGEL, Wilfried (Org.). **Piraten, swings und junge garde:** Jugendwiderstand im Nationalsozialismus. Bonn: Dietz, 1991. p. 159-201.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **iDicionário Aulete:** dicionário Aulete digital. 2014. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/perlaboração>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

CANGI, Adrián. Imagens do horror: paixões tristes. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura:** o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Cap. 5. p. 139-170.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura:** o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. Cap. 4. p. 123-138.

ENDO, Paulo César. A vergonha e a interpelação do estrangeiro. In: ENDO, Paulo César et al (Org.). **Psicologia, violência e direitos humanos**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia 6a. Região, 2012. p. 98-113.

_____ Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento. **Revista Usp**, São Paulo, v. 98, p.41-50, ago. 2013. Trimestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69224/71688>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um novo cinema**. Campinas: Papirus, 2011. 432 p. Tradução de: Eloisa Araújo Ribeiro.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013. 128 p.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**. Porto Alegre, v. 3, p.60-66, 2008. Semestral. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/3/cap6.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

HARTMAN, Geoffrey. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur;

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 207-236.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images: a grammar of visual design**. 2. ed. London: Routledge, 2010. 291 p.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Tradução de: Luigi del Re.

MACEDO, Lucíola Freitas de. **Primo Levi: a escrita do trauma**. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

MEGILL, Allan. History with Memory, History without Memory. In: MEGILL, Allan; SHEPARD, Steven; HONENBERGER, Phillip. **Historical knowledge, historical error: a contemporary guide to practice**. Chicago: Chicago University Press, 2007. Cap. 1. p. 17-40.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo, Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007.

SCHOLL, Inge. **Die Weiße Rose**. 13. ed. Frankfurt: Fischer Taschenbuch-Verlag, 2009. 206 p.

SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca: A história dos estudantes alemães que desafiaram o nazismo**. São Paulo: Editora 34, 2013. 272 p. Organização: Juliana P. Perez e Tinka Reichmann. Tradução de: Anna Carolina Schäfer e outros.

SELIGMANN-SILVA, Márcio et al (Org.). **História, memória, literatura: O testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 528 p.

SEYBOLD, K. **Wenn einer spricht, wird es hell**. Berlim: [s.n.], 2008. 1 folder. Disponível em: <http://www.basisfilm.de/basis_neu/pdf/wied_pr.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2014.

Bibliografia fílmica

DIE WIDERSTÄNDIGEN: Zeugen der Weißen Rose. Direção de Katrin Seybold. Berlim: Basis-Film Verleih, 2008. 1 DVD (92 min.), DVD, son., color. Alemão.

SCHOAH. Direção de Claude Lanzmann. França: Bretz Filmes, 1985. 4 DVDs (543 min.), DVD, son., color. Legendado. Francês, Polonês, Alemão, Hebraico, Iídiche, Inglês.